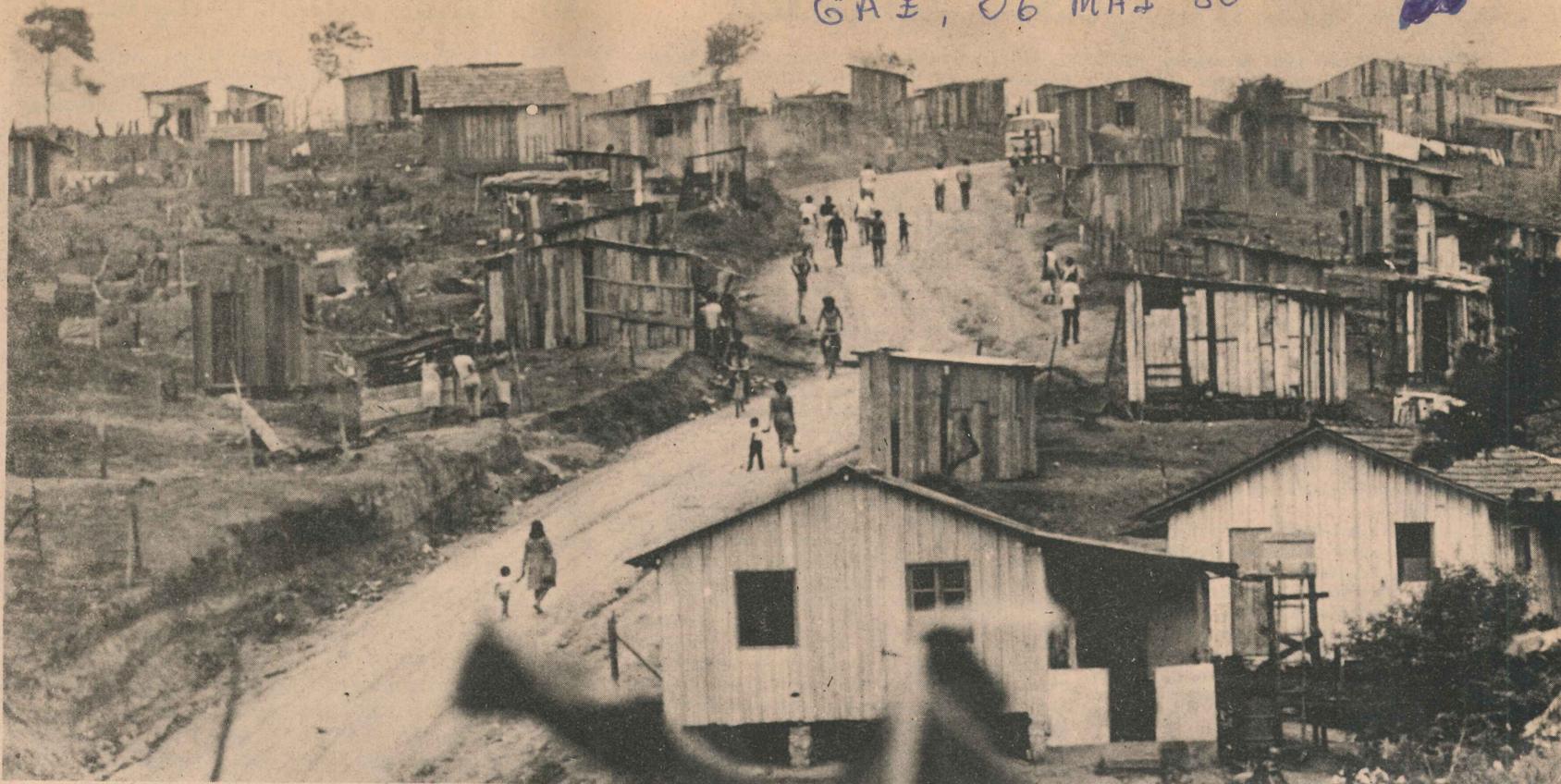


GAZ, 06 MAI 80



Já é alta a densidade demográfica na região invadida de Rio Marinho, onde não há qualquer infra-estrutura

AJO 6886

# Invasão em Cariacica já tem 4 mil barracos

Cerca de 4.000 barracos de madeira já foram construídos em Rio Marinho, município de Cariacica, desde que teve início, no dia seis de março passado, uma das maiores e mais rápidas invasões de famílias de baixa renda da Grande Vitória. Duas grandes áreas de terra, separadas por uma depressão, foram roçadas, o mato queimado, depois capinadas e ocupadas. A polícia esteve no local, derrubou barracos, ameaçou efetuar prisões, apresentou metralhadoras, revólveres e cassetetes, e, depois desapareceu, não retornando até a tarde de ontem. Nesse tempo, quem teve o barraco destruído o reconstruiu, muitos outros foram e continuam sendo instalados e o processo da invasão agora já parece irreversível.

"A área invadida de Rio Marinho não tem dono" — garantem os ocupantes. Justamente algo como esta frase foi anunciado aos habitantes daquela região, dias antes da invasão, por um pequeno avião que sobrevoou as áreas, conforme contaram algumas pessoas. Até ontem ninguém reivindicava o direito de posse das terras, pelo menos que isso tenha chegado ao conhecimento dos ocupantes das áreas. Apesar disso, quase todos foram informados de que os terrenos são de propriedade de um casal de idosos, que hipotecaram as propriedades junto ao Banco Ipiranga, que deixou de existir, o que tem sido motivo para certo otimismo dos invasores.

## EXPECTATIVA

Calcula-se que cinco por cento das pessoas que invadiram as terras improdutivas de Rio Marinho, localidade próxima da estação de captação de água da Cesan, usaram deste artifício para ganhar dinheiro, revendendo os lotes demarcados para famílias realmente necessitadas de moradia. Esta minoria, segundo revelações feitas no local, pertence à classe de médio poder aquisitivo, sendo donos de armazéns, de casas em outros locais, enfim, "gente que não precisa disso", arrematou um invasor.

A maioria das famílias teme uma ação enérgica ou violenta das forças policiais, que podem, a qualquer momento, tentar desalojar os milhares de invasores. Estes procedem de diferentes partes da Grande Vitória, e apurou-se que um considerável número deles pagava aluguéis em barracos nos morros, em palafitas nos mangues. Outros simplesmente removeram de local seus barracos, pois onde

se encontravam a vida podia ser considerada como uma aventura, da mesma forma como tem sido em Rio Marinho, desde o dia seis de março.

Indiferentes ao que pode acontecer nas áreas invadidas de Rio Marinho, as crianças aproveitam todos os espaços possíveis para brincar, e o fazem invadindo as ruas, os lotes dos vizinhos ou as áreas ainda livres. Homens e mulheres se apressam em montar ou ampliar seus barracos, garantindo desta forma qualquer espaço para suas moradias. Os pequenos comércios já começam a surgir, firmando cada vez mais as características de um novo bairro dentro de Rio Marinho, tal o número de pessoas que de repente contribuiu para elevar a densidade demográfica do local, acabando praticamente com sua fisionomia pacata e rural.

Várias assembleias gerais entre os invasores já foram feitas e delas têm saído palavras de ordem, como no sentido de se manter a disciplina e harmonia entre todas as pessoas. Mas a principal orientação tem sido de que "em invasões ninguém tem direito de manter barraco vazio", ou lotes apenas cercados com arame farpado. Essa advertência é dirigida às pessoas que ocuparam a área, mas nela não pretendem morar, apenas a utilizando como investimento, para revenda.

Uma comissão de moradores foi formada em Rio Marinho, com a incumbência de acompanhar, através de advogados, qualquer ação judicial ou policial referente à situação dos que ocuparam as terras improdutivas. Pessoas tidas como líderes entre os invasores não escondem certa apreensão pelo que pode acontecer e um deles contou que vem sendo intimidado, nos dois últimos dias, com pedras atiradas no seu barraco, batidas nas paredes e outros artifícios. A situação, porém, tem se mantido calma, de um modo geral.

As noites que se passaram desde seis de março, quando começaram a ser construídos os primeiros barracos, não têm sido fáceis para os invasores de Rio Marinho. Não existe uma só luz elétrica na rua principal, tampouco nas moradias. Pronto-socorro, hospitais ou farmácias estão bastante distantes do lugar e, para vencer a distância, existem somente dois ônibus que operam na linha, saindo de funcionamento às 22 horas, ou o mais tardar às 23 horas. Mas é a água que tem sido a maior preocupação dos invasores, pois para se cumprir as necessidades domésticas é preciso andar grandes distâncias, onde a água é conseguida de poços.